

ARTIGOS

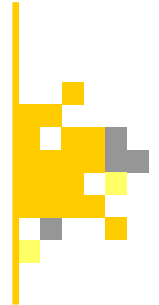
Aline Stefany Queiroz Leite^I

Fernanda Santa Brígida Costa^{II}

Lorena Schalken de Andrade^{III}

As construções de identidades de psicólogas negras no Nordeste paraense

The identity constructions of black psychologists in the northeast of Pará



RESUMO:


As construções de identidades de pessoas negras são atravessadas por apagamentos, silenciamentos e violências. Os processos de miscigenação implicam a perda de identidade e um retorno a essa compreensão étnico-racial é fazer um resgate histórico, político e territorial. Foi realizada uma pesquisa, por meio do método qualitativo de fundamentação teórica fenomenológica, com base no modelo empírico-compreensivo proposto por Amedeo Giorgi, buscando compreender as construções de identidades de psicólogas negras no Nordeste paraense, tendo como instrumento entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro mulheres que se reconhecem enquanto negras, formadas em psicologia e que exercem a profissão em diferentes áreas, a fim de compreender as intersecções de raça, gênero, sexualidade e classe que atravessam as vivências das profissionais de psicologia.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Psicólogas negras; Fenomenologia


ABSTRACT:

The constructions of black people's identities are often crossed by annihilation, silencing and violence. The miscegenation processes imply the loss of identity and a return to this ethnic-racial understanding is to make a historical, political and territorial rescue. It was made a research, through the qualitative method of phenomenological theoretical foundation, based on the empirical-comprehensive model proposed by Amedeo Giorgi, seeking to understand the constructions of identities of black psychologists in the Northeast of Pará, using as an instrument semi-structured interviews that were carried out with four women who recognize themselves as black, who graduated in psychology and who practice the profession in different areas, in order to understand the intersections of race, gender, sexuality and class that cross the experiences of these psychology professionals.

Keywords: Intersectionality; Black psychologists; Phenomenology

^I Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.
alinetefany.1515@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-5934-3177>

^{II} Psicóloga pela Universidade da Amazônia, Belém, PA, Brasil.
fernanda.brigida02@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-5531-7003>

^{III} Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará; Professora, Universidade da Amazônia, Belém, PA, Brasil.
lorenaschalken@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-7745-0259>

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de campo realizada como trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia em Belém do Pará, no ano de 2022. Nesse intuito, as discussões aqui galgadas nascem a partir da escuta das vivências e atravessamentos de psicólogas negras, de modo que versaremos sobre suas construções de identidade no Nordeste paraense. No mais, como pesquisadoras e psicólogas, contextualizamos também nosso lugar enquanto mulheres cis, LGBTI+, negras, racializadas e do interior da região metropolitana de Belém-PA, o que nos provoca a pesquisar e escrever sobre a presente temática.

Dito isso, propomos a seguinte discussão: como se constroem as identidades de psicólogas negras no Nordeste paraense? Sob tal perspectiva, como base no modelo empírico-compreensivo proposto por Amedeo Giorgi, nosso objetivo geral é compreender as vivências de mulheres negras e suas percepções enquanto psicólogas a partir de um olhar interseccional, tanto no trabalho quanto em suas relações cotidianas.

Isso porque é a partir do corpo que conseguimos ter contato com a dimensão do mundo. Segundo Alvim (2022), no encontro com o outro e também por meio da dimensão estética, o corpo, na vivência do racismo, insere-se em uma realida-

de em que o padrão estabelecido é o branco europeu. A esfera estética, nesse sentido, é inseparável da dimensão ética e política, ao passo que o padrão dominante, na tentativa de encontrar formas de controle do corpo, projeta os traços fenotípicos negros como abomináveis. Refletimos, então, sobre os processos de tornar-se negra/o, tendo em vista que a negritude chega antes da pessoa, da profissão, do gênero, da riqueza e do título universitário, nos destituindo estruturalmente e historicamente do lugar de sujeito de direitos (Carneiro, 2023).

Reconhecemos e enxergamos nossos corpos inseridos em contextos permeados por significantes e significados, que afetam e são afetados pelo meio e estruturam nosso ser no mundo, nossas identidades. Amador de Deus (2019), em seu livro intitulado *“Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse”*, escreve que o corpo é social e individual, sendo afetado por diversos fatores, como a religião, grupo familiar, classe social, cultura, ancestralidade, territorialidade, entre outros. Além disso, este corpo carrega memórias e pode ser visto, avaliado e julgado (Amador de Deus, 2019).

Sendo assim, enquanto identidades diaspóricas, corpos negros por vezes são estigmatizados pelo racismo, marcados pela discriminação, tendo processos de tomada de consciência e afirmação

de identidade por vezes dolorosos. Corpos esses que poderão ser, inclusive, objeto de repulsa, num processo de autonegação. Dessa forma, podemos enxergar as marcas do racismo, no entanto, dizer quem é negra/o no Brasil não é simples e fácil, uma vez que a construção das identidades raciais é atravessada pela política de embranquecimento da população. Nesse cenário, pessoas negras introjetam o ideal de branqueamento e não se consideram negras (Munanga, 2004). Assim, podemos refletir sobre a construção das identidades de pessoas negras que a autora Câmara (2017) vai dividir em dois momentos:

Diante disso, precisamos entender que a construção da identidade negra pode-se dar em dois momentos: uma de negação (1) e não nominável, posto que será guiada pela mestiçagem e pelo racismo à brasileira; estereótipos racistas recaem sobre o corpo negro enquanto que outros termos de cor surgem, como pardo, moreno, mulata, entre outros igualmente apaziguadores e de negação do “ser negro”; e outro de afirmação (2) e nominável, forjada na subversão aos estereótipos, na resistência dos movimentos negros em que novos sentidos e linguagens em bases propostas pelos próprios negros aparecem para ordenar as vivências familiares, as histórias, memórias e a própria relação com esse corpo negro, essa é a identidade que podemos chamar de negritude (Câmara, 2017, p. 81).

Ortiz (1986, p. 138) afirma que “a identidade não é fim nem começo; ela se situa no próprio processo de sua construção”. Portanto, atentemos agora sobre os processos de formação das identidades de mulheres negras no Nordeste do Pará. Para isso, é necessário compreender as intersecções que perpassam a vida dessas mulheres e a complexidade em que estão imersas, levando em consideração aspectos de raça, classe, sexualidade, gênero, territorialidade e etc. Por conseguinte, é preciso reconhecer as demandas históricas, políticas, culturais, a dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão colonial, o patriarcado, bem como a modernidade racializada e racista em que vivemos (Werneck, 2010).

A identidade no Pará é marcada pela mestiçagem; logo, a negação do negro dentro da região compreende um processo de embranquecimento por meio do estupro de mulheres indígenas e negras. Câmara (2017) denuncia que “o discurso do movimento e feminismo negro deve considerar que uma das artimanhas do racismo é a ilusão de uma segurança identitária que confere prazer porque camufla e torna indizível o que nós queremos denunciar: o racismo travestido de morenidade” (Câmara, 2017, p. 160). Esse termo “morenidade” marca um estigma racista que tende a achar pejorativo os termos “preto” e “negro”. Nesse sentido, percebemos que a identidade étnico-racial permeada pelo racismo, pela discrimina-

ção e pela simbologia que a negritude carrega socialmente faz com que pessoas negras não compreendam o que são ou simplesmente não desejam ser o que são (Carneiro, 2023).

Para isso, é preciso considerar que “somos corpos atravessados por diferentes intersecções que se sobrepõem, sendo, para o contexto brasileiro, o processo de racialização o principal eixo que modula os modos como serão vividos o gênero, a sexualidade e a classe.” (Câmara, 2017, p. 48). Corpos esses que se estruturam diante de um sistema hegemônico galgado por uma construção histórica colonial marcada por repressões, epistemicídios, apagamentos, violências físicas e simbólicas que ainda são muito latentes e que perpassam a construção dos indivíduos e suas relações com o meio.

O CONCEITO DE INTERSECCIONALIDADE

Etimologicamente, a palavra "interseção" origina-se do latim *intersectio*: *inter*, significando "no meio, entre", e *sectio*, fazendo referência ao verbo *secare*, que significa "cortar". Segundo o dicionário, "interseção" significa a ação ou o efeito de cortar ao meio; o corte que se faz ao meio de algo; ou o ponto em que se cruzam duas linhas, planos e/ou superfícies.

Segundo Akotirene (2019), o conceito de

interseccionalidade foi cunhado pela primeira vez nos Estados Unidos pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, em 1989, como um conceito da teoria crítica de raça, a partir publicação do artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. Ainda segundo a autora, o conceito foi elaborado por feministas negras enquanto uma sensibilidade analítica, por entender que suas experiências e reivindicações intelectuais não foram observadas e atendidas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista que se mantinha focado e centrado no homem negro. Collins (2016), em seu livro *Interseccionalidade*, fala sobre uma descrição genérica de interseccionalidade que a maioria das pessoas aceitaria:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, 2016, p. 16).

Crenshaw (2002) explica de forma ilustrativa que a teoria pode ser entendida na noção de eixos ou ruas, nomeando alguns como eixo de poder, raça, etnia, gênero e classe que constituem avenidas no terreno social. Portanto, a interseccionalidade não é uma soma de hierarquias ou processos de comparação, caracteriza-se por ser um sistema complexo que por vezes se cruzam, a autora Akotirene (2019) pontua que:

Em vez de somar identidades, analisa se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas (Akotirene, 2019, p. 27).

É importante pontuar, ainda, que essas estruturas não se encontram em uma hierarquia de opressão, pois, ao passo que reconhecemos que não se há um ser humano “universal”, e sim que existem múltiplas identidades, podemos entender que a interseccionalidade assume um papel político em relação ao que será feito frente ao sistema de opressão que produz diferenças (Akotirene, 2019).

Assim, compreendendo que a psicologia

deve ser uma ciência e profissão política, entendemos que é essencial construir uma psicologia interseccional. Pensar a interseccionalidade é enxergar o entrelaçamento dos sistemas de opressão e das relações de poder que estruturam nossa sociedade. Esses sistemas contribuem para o apagamento e silenciamento de existências, violação de direitos, dificuldades de acesso e para as macro e microviolências que marcam de maneira significativa e diversa as subjetividades e intersubjetividades ao longo do trabalho profissional. A teoria interseccional compreende e considera a inter-relação entre gênero, raça, classe, sexualidade, orientação sexual, entre outras dimensões.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi construída aplicando o método qualitativo de fundamentação teórica fenomenológica, tomando como base o modelo empírico-compreensivo proposto por Amedeo Giorgi. Segundo Andrade & Holanda (2010), observa-se uma flexibilidade no processo da pesquisa qualitativa, dessa forma, compreende-se que esta metodologia permite a busca da subjetividade e a interlocução do espaço com o humano, no qual se possibilita um avanço para as ciências humanas e sociais e a construção de novos paradigmas. Tendo em vista que a subjetividade se compreende por meio de processos que sofrem mudanças de acor-

do com o contexto que o indivíduo está inserido e se expressa. No mais, Andrade & Holanda (2010) apontam que:

Nas várias modalidades de pesquisa qualitativa, pesquisador e sujeito são produtores de pensamento. A especificidade desse tipo de pesquisa refere-se à busca dos aspectos da realidade do sujeito, considerando que esses aspectos são apreendidos por sujeitos pesquisadores (Andrade & Holanda, 2010, p. 260).

A utilização da entrevista qualitativa como um recurso metodológico visa, segundo Kvale (1996), obter descrições a partir do vivido e do mundo experiencial da entrevistada, bem como as interpretações e significados dos fenômenos descritos. Considerando que a entrevista é um processo dialógico e de comunicação, o autor Gomes (1997) ressalta que:

A entrevista explora o mundo vivido do entrevistado, definido como experiência consciente, e está à procura do sentido que este mundo vivido tem para o entrevistado. Neste processo, a consciência do entrevistador, como expressa no roteiro da entrevista, modifica-se, amplia-se, atualiza-se na interação com o entrevistado. O movimento corretivo é possível pela reversibilidade das percepções e expressões do entrevistador e do entrevistado (Gomes, 1997, p.321).

Sendo assim, para compreender a realida-

de estudada e a experiência vivida, Amedeo Giorgi propõe a caracterização de Unidades de Significação (US), que seriam as camadas de sentidos presentes nas descrições das vivências pesquisadas. Assim, a fim de apreender a essência, as US são examinadas pela técnica de variação livre e imaginária.

São adotadas quatro etapas para aplicar o método fenomenológico proposto por Giorgi. Após a obtenção dos dados de investigação por meio das entrevistas e da transcrição destas na íntegra como descritos pelos sujeitos entrevistados, podemos iniciar a análise em quatro passos: (1) estabelecer o sentido geral; (2) determinação das partes: divisão das unidades de significado; (3) transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico; (4) determinação da estrutura geral de significados psicológicos e, posteriormente, sínteses do vivido, que buscam desvelar a essência do fenômeno estudado (Giorgi & Sousa, 2010; Andrade & Holanda, 2010).

Este estudo está inserido no projeto de pesquisa “*Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais*”, que possui o parecer CAEE: 24782619.9.0000.5173, permitindo a realização de entrevistas e análise de dados com público de pessoas que possam participar do projeto Grupos Vivenciais.

Foi realizada a divulgação e disponibilização de um formulário da pesquisa com intuito de

captar 04 (quatro) psicólogas negras que atendessem aos critérios de participação/inclusão: mulheres que se reconheçam enquanto negras; sejam mulheres cis ou não e estejam com CRP ativo. Já os critérios de exclusão foram: psicólogas que atuem fora da região de Belém. A captação das 04 (quatro) entrevistadas ocorreu por meio do grupo “Psicologia Negra”, formado por psicólogas/os que atuam no Pará e, posteriormente, nas redes sociais, bem como indicações feitas pelas entrevistadas. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais, de acordo com a disponibilidade de dias e horários das participantes, sendo uma em local aberto (Parque) e as outras três em local fechado (consultórios).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cada participante de forma individual, com duração média de 1h, após a aceitação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE (Anexo A), que nos possibilitou realizar a gravação. Na intenção de observar as unidades de significação (US) presentes nas falas, vivências e atuações das psicólogas negras, propusemos uma entrevista semiestruturada, na qual fizemos uma pergunta disparadora pedindo para que falassem sobre a experiência com a interseccionalidade na prática clínica.

Após a identificação das Unidades de Significação (US), a estruturação da experiência e a observação das camadas de sentidos do fenômeno,

encontramos duas unidades de significação que discutiremos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para darmos início à nossa discussão, apresentamos o Quadro 1 a seguir com as informações das mulheres entrevistadas:

Quadro 1 – Informações das entrevistas

PARTICIPANTES
<p>• Zuri Possui 25 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, bissexual, não-monogâmica. É psicóloga, atua como docente no ensino superior.</p>
<p>• Ayana Possui 27 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, bissexual, tem pós-graduação em psicologia clínica com ênfase em gestalt-terapia.</p>
<p>• Luena Possui 35 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, héterossexual. É psicóloga e psicanalista e atua na clínica.</p>
<p>• Dandara Possui 33 anos, mora em Belém-PA, é uma mulher negra, cis, heterossexual, tem atuação em psicologia social e saúde mental. É psicóloga e psicanalista, e atua na clínica.</p>

Fonte: Autoras (2024)

A partir da apresentação das participantes no quadro acima, organizamos as categorias extra-

ídas das entrevistas realizadas e fizemos a análise dos resultados, como veremos adiante.

TORNA-SE NEGRA

Quando contamos nossas histórias, revisitamos memórias carregadas de afetos, significados, dores e reverberações. Por isso, ao entrevistarmos as participantes, elas visitaram seus atravessamentos, ao reviverem suas estórias e experiências, as quais se apresentam de formas e sentidos diversos para cada uma delas, mas que, em algum momento, encontram-se. Como é possível observar nas falas abaixo:

A gente é atravessado pela perspectiva racial desde o dia que a gente nasce nesse país, tem coisas que são ditas sobre os nossos corpos desde que a gente nasce, a gente é colocado na nossa família mais aqui ou ali a partir da cor que a gente nasce [...] (Luene).

(respiração funda) é isso né, não é fácil e ter que carregar todos esses marcadores, esses aspectos, às vezes se torna pesado por que tu tens que tá, parece que te respaldando sempre sabe, tipo “ah eu passo por isso, tenho que ser isso, meu corpo é político” só que a gente cansa de militar todo tempo né (risadas), e aí às vezes a gente só quer ficar tranquila de boa sem pensar sobre nada, só que todo tempo tem atravessamentos que fazem a gente ter uma perspectiva [...] (Ayana).

Eu ainda quando escuto interseccionalidade eu diretamente relaciono a pessoas negras, então... é também sintomático, não perceber que pessoas brancas também são racializadas e as pessoas brancas que eu atendo não se percebem nesse lugar de raça, o que é muito curioso (Zuri).

O Brasil se estrutura a partir de traumas, opressão e repressão de corpos e territórios, “são matrizes que continuam pautando a vida brasileira para onde quer que olhe: na vida familiar, nas relações afetivas, no trabalho, na política, na geografia, na mídia e também na formação” (Trzan-Mattar, 2022, p. 184).

Sendo, pois, esses conflitos, que perpassam as gerações, uma importante ferramenta para a construção de uma sociedade opressora. Então, quando ignoramos o passado, sem repensá-lo, somos incentivadas a repetir seus erros (Lorde, 2020). Kilomba (2020), em seu livro “Memórias da Plantação”, questiona o que diz Bourdieu quando coloca que um peixe na água não sente seu peso e considera o mundo como natural. A autora pontua, nesse sentido, sobre não ser simplesmente “um peixe na água”, pois esta água tem um peso e que a sentimos, bem como aponta que o mundo onde vivemos não é marcado simplesmente pela naturalidade. Portanto, compreendemos que os atravessamentos relatados acima podem ser sentidos em seus corpos e em suas existências, seja de

forma simbólica ou não.

A autora Costa (2020) descreve que “o racismo impede ou dificulta que pessoas pretas e indígenas se vejam, se considerem, se expressem integralmente como seres humanos, pois são destituídas de suas humanidades pela estruturação racista” (Costa, 2020, p. 105). No encontro com sua negritude Zuri e Ayana retratam seus processos:

Penso que ainda em encontro, não me percebo em um lugar muito fechado, eu me tornei negra tem poucos anos [...] Eu tenho vitiligo, então já é um processo diferente para pessoas que não tem qualquer condição de pele, né? Pra mim foi um outro processo ainda mais diferente, então repigmentei que é o retorno da melanina [...] o corpo tava muito branco e aí meu corpo branco ok, então é algo muito ressaltado também, então... é muito louco, eu fico olhando as fotos e aí meu cabelo era bem preto, eu usava um lápis de olho bem preto, tudo parece que realçava ainda mais, só que eu não era satisfeita porque meu nariz era muito grande, né? Então eu lembro que nas discussões assim sempre que existia, acho que desde que eu me entendo enquanto pessoinha, "se a gente pudesse fazer uma cirurgia, pudesse mudar alguma coisa, o que que eu mudaria?", meu nariz, porque meu corpo já era de... já tinha uma outra pigmentação, apesar de que ele não era todo, mas já tinham no que... os outros poderiam ver (Zuri).

[...] A maioria dos meus amigos são brancos e eu frequento lugares brancos...Então, se perceber preta e até o meu próprio processo de me descobrir uma mulher negra, porque eu não achava que eu era.. eu só fui me descobrir uma mulher negra na universidade né, de tanto que eu me embranquecia né.. Por exemplo, eu estava vendo um tempo desse, umas fotos antigas, eu usava uma base mais clara (risadas)... O meu cabelo era alisado né, então esse processo foi bastante difícil e era muito complicado na relação com meu pai porque o meu pai também não se achava que era um homem negro e aí quando eu comecei a assumir minha negritude de deixar meu cabelo, de utilizar o meu corpo como uma ferramenta política né, inclusive de se tatuar de ser uma mulher gorda e tal [...] (Ayana).

Santos (1983), em seus escritos, pontua o problema racial como uma ferida aberta que não cicatriza nunca, ferida que evidencia a definição do que é belo, por meio da autoridade da estética branca que “define o belo e sua contraparte, o feio, nesta sociedade classista, onde os lugares de poder e tomadas de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos”. Ela é quem afirma: “o negro é o outro do belo” (Santos, 1983, p. 29). O que é bem-visto e bem-quisto é o lugar da branquira, da branquidade. Assim, questiona-se qual seria então o lugar do negro? Evidencia-se que negros e negras aparecem, porém aparecer não é ser, pois o ideal e o padrão em que uma sociedade estrutu-

rada pelo racismo se espelha é a branquitude. Logo, a partir das representações de um povo marcada pela lógica colonial, seus saberes, suas artes, suas espiritualidades, sua sexualidade e seu modo de ser serão vistos como inferiores, pois não satisfazem o ideal imposto (Trzan-Mattar, 2022). Consequentemente, faz emergir o auto-ódio em pessoas não brancas, ao verem sua imagem refletida em um espelho que não condiz com o padrão.

Eu sentia muita raiva da minha mãe, da minha vó, até entender violência geracional, até entender o quanto era passado e algo muito, muito mesmo geracional da minha família, então ali teve um marco para eu compreender essas mulheres que vieram antes de mim (Zuri).

Eu fiz a fala e aí vieram mais repercussões dali “ah não vi que você era preta”, “essa é uma questão que você tem que trabalhar na sua análise” é... depois, entre outras coisas[...] depois uma das mulheres lá veio me abordar e disse, e se você se diz uma pessoa preta, por que você alisa seu cabelo? Então assim, foi escalando, sabe, de questões (Luena).

Eu coloquei tranças, aí eu fui trabalhar, era muito difícil pra mim também, e eu fiquei “será que eu coloco tranças? ai, como é que vai ser?” eu nunca tinha colocado, foi nessa época que coloquei, então, ao mesmo tempo, eu... me revendo enquanto mu... me enxergando como mulher negra, psicóloga negra, e como é que

isso vai se impactar lá na minha dinâmica de trabalho, aí resolvi colocar, fui meio com medo e tal, mas não tive nenhuma, pelo menos eu não percebi, né? nenhuma... nenhum ato discriminatório a não ser um colega que... eu falei assim “ah, eu sou negra” e “não, Dandara, tu não é negra, tu é morena”, aí aquilo, né, da questão de você achar que o negro é algo ofensivo, né, ter essa imagem tão negativa, que não, não é negra, é morena, como se fosse um elogio (Dandara).

A voz de pessoas pretas se ergue em busca do reconhecimento de suas identidades, reivindicando seu lugar, falando por si, uma identidade que lhes dê feições próprias. Assim, a partir das diferentes formas como pessoas pretas se veem e vivenciam suas relações, evidenciamos a pluralidade das diferentes identidades negras que, de acordo com Costa (2019, p. 201), ao “reconhecer esta diversidade, seguramente, pode ampliar horizontes sobre a compreensão da constituição das subjetividades de mulheres negras contemporâneas”.

A potência nos discursos das mulheres pretas entrevistadas e os lugares de que cada fala surge mostram suas vivências:

[...] No final de 2018 em outro estado que eu me deparei com essa pauta e eu me disse como você disse “eu sou uma mulher preta”, tem uma questão lá obviamente do trabalho e aí depois que terminou as mesas eu fui falar e eu disse “ah eu como mulher preta e tal”, falei

isso e falei ah que a maioria em geral desse ambiente são de pessoas brancas, eu nunca tinha estudado, lido, visto, não sabia nem que dava para juntar psicanálise por exemplo e racismo, com essas pautas e nada não tinha visto nem de longe e aí eu fiz essa tua fala “eu como mulher preta aqui, esse é um ambiente em geral de mulheres brancas (Luena).

[...] Não tem como falar separado, não tem... porque são as coisas, se atravessam em vivência e por mais que eu tente reduzir a um fenômeno, né? mas é algo que está intrinsecamente ligado, faz parte da minha construção enquanto pessoa. Raça, ela é constituinte da subjetividade, não tem como eu falar da minha vivência, estando dissociada do meu processo enquanto uma criança negra, pobre, da periferia, uma menina, né? num seio familiar de mulheres também, então isso também tem uma outra questão, né? então assim, é, é... é sempre um atualizar-se mesmo (Zuri).

Enfim, algumas pessoas dizem que, “ah não, todos somos iguais e tudo mais” lá na prática a gente vê que não, que as pessoas são diferentes, sim, claro[...] É de que... as coisas são por mérito, todo mundo é igual, todo mundo tem acesso... não! tipo, eu sei na minha pele, na minha pele preta que não e olha que tem pessoas ainda que têm condições mais difíceis do que a minha, eu reconheço. Acho que é isso (Dandara).

O processo de tornar-se negra carrega consigo significados, apagamentos, dores e encon-

tros, em que, assumindo um movimento de luta, busca-se ressignificações e reconfigurações de um passado, um presente e futuro. Fanon (2008) em seu livro “*Pele Negra, Máscaras Brancas*” nos escurece que “desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer” (Fanon, 2008, p. 108).

AUTOESTIMA

A elaboração da autoimagem e do autoconceito se relaciona com questões de autoestima, ao passo que estamos inseridos em uma sociedade e nos percebemos enquanto sujeitos. Desse modo, “a presença e o olhar do outro são essenciais para que nos fundemos. Nosso existir demanda o testemunho do outro” (Frazão, 2017, p. 25). Mulheres negras, ao mergulharem nesse processo, encontram uma visão distorcida de si mesmas, uma construção negativa e agressiva de suas corporeidades, a qual é influenciada pelos processos históricos coloniais, fruto de opressões seculares. Testemunhamos isso nas falas de Ayana e Zuri que experienciam:

Exatamente! Eu fui falar uma vez com a psicóloga, uma das minhas...acho que era minha segunda psicóloga que eu estava iniciando o processo terapêutico, e aí eu fui falar sobre

uma questão de raça e ela falou assim “mas tu não é nem tão preta assim” (risadas). Então, assim, dentro disso né.. por que eu fui falar de uma questão de autoestima né...eu fui falar assim para ela “ah eu acho que, não sei, não me considero tão bonita, não me considero tão interessante e eu acho que isso pode se ter haver com o que eu entendo sobre negritude” e ela falou assim “mas você nem é tão negra assim”, ou seja, para sentir isso eu tinha que ser retinta né, como eu não sou retinta, que a maioria das pessoas, da Amazônia aqui, em Belém, as pessoas não são retintas, mas que tem a sua negritude negada né (Ayana).

Eu percebi o quanto meu ciclo, as minhas relações afetivas eram muito brancas. [...] Meu grupo de amigos, ou pelo menos as pessoas mais próximas de mim, eram brancas, então isso também me colocou num lugar de... afastado. Eu queria tá mais parecida com elas, eu queria fazer as mesmas coisas, eu queria ter... a mesma atenção que elas tinham dos menininhos porque eu também me entendia como uma pessoa hétero, né? então assim, sem dúvida alguma, são Zuri, na verdade versões muito diferentes (Zuri).

Ocupar lugares que foram negados é estar de frente com a negação do outro opressor, dizendo que ali não nos cabe, como evidenciam Dandara e Luena:

Isso opera desde o início e aí entender isso, isso eu não entendia tanto, porque como eu

pareço muito nova sempre foi isso que apareceu primeiro, não parece que é você porque você parece muito nova, então já aconteceu das pessoas perguntarem minha idade, quando eu fazia domiciliar isso acontecia direto, mas no consultório já me aconteceu de acharem que eu era muito nova e eu achava que era só por isso, hoje em dia eu sei que não é, mesmo que eu siga aparecendo nova, mas eu sei que não é. Eu sei que tem um recorte racial aí colocado, então acho que isso mudou porque mudou o jeito como eu me vejo de eu saber, que as pessoas sabem, acham que eu não sou a profissional porque eu sou preta, se eu fosse branca, mesmo que eu aparecesse nova, não ia ser essa questão que operava[...] (Luena).

Mas quando a gente é preta e tá no consultório atendendo isso vai parecer da hora que as pessoas chegam, as pessoas acham que eu não sou psicóloga, que eu não sou psicanalista, que eu sou secretária (Luena).

Por exemplo, lá tinha um psicólogo[..]ele acha que eu sou mais nova, aí eu andava com uma mochila, aí, ah, porque a Dandara parece as adolescentes do grupo dela, não sei o quê, ah, porque a Dandara... Ele vivia falando, procurando falhas em mim, no meu trabalho, e agora consigo ver, né? homem branco, concursado, e cheio dos privilégios (Dandara).

O complexo de inferioridade e a baixa autoestima atuam como mecanismo de alienação da população negra, contribuindo para sua subordi-

nação social, econômica e política. Esses fatores constroem estereótipos, introjetos e arranjos psicológicos que dificultam ascensão social, desqualificam o indivíduo, bem como “enfraquecem sistematicamente suas possibilidades de desenvolver o autoamor e o reconhecimento de seus pontos positivos e até de sua humanidade” (Berth, 2020, p. 143). Tal problemática contribui para questões de inseguranças e exigências que podemos ver nas reverberações que surgem a partir das falas:

Então hoje, nesse lugar que eu percebo que ainda há muito a construir, seja porque é minha primeira experiência, eu me sinto muito insegura[...]sempre tenho que estar estudando a mais, nunca é o suficiente. Então se eu tô estudando algo e eu percebo que falta ali, eu vou procurando um, eu vou procurando outro, vou procurando outro, vou procurando outro, eu sempre acho que não é o suficiente ainda, por mais que eu tenha colegas, né? que sei lá, nem se esforçam tanto porque a gente troca muito, apesar de eu gostar muito deles, mas eu não percebo a mesma preocupação em precisar tá o tempo todo buscando, atualizando e conversando, então assim, ainda há muito a construir (Zuri).

A maioria da minha turma eram cotistas, mas pela manhã teve alguma coisa assim, “ah, porque é cotista, não sei o quê”, aí “ah, ninguém fala mais nesse assunto”, então tinha muita gente que era contra cotas, né, pessoas estudadas em escolas particulares, então era muito

difícil pra mim isso, era como realmente... como se eu não merecesse estar ali, “ah, passou pela cota”, então por isso que é fantástico poder conversar sobre essa questão das cotas, né, de que não é... de que é um acesso a um direito que foi negado à população negra, população mais empobrecida. Então, hoje eu vejo que esse fantasma me assombrou assim ao longo da minha formação inteira, e ao mesmo tempo que eu exigia que eu tinha que ter um bom rendimento, às vezes a gente cansa e acabava não tendo e isso acabava assim comigo, “caramba, os meus colegas são melhores”, sabe? (Dandara).

Eu confio muito (risos)...no que eu sei(risos). É aí que eu me enfio. Eu sou insegura, mas eu confio muito que eu sou aquela pessoa dedicada, então eu estudo muito, então, se acontecer alguma coisa pelo conhecimento, eu vou me garantir (risadas). E é muito louco porque isso nos obriga a ter que saber sempre, a estudar sempre, porque a gente tem que tá sempre se provando, né. [...] é.. a minha autoestima ela volta muito para isso né, que é a área que eu gosto que é a área acadêmica, então, eu preciso conhecer, eu preciso saber e aí eu preciso dar conta das coisas (Ayana).

As responsabilidades que surgem nesse caminhar carregam consigo cobranças introjetadas, fazendo pensar por vezes que elas não são capazes, como afirma Dandara, Ayana e Zuri:

Quando eu tava no mestrado, uma pessoa do

centro acadêmico perguntou, né, isso... essa questão racial, eu não vi nada na faculdade sobre, nada, nada. Isso também é racismo, né? racismo institucional, quando você silencia uma epistemologia, como se não existisse. Então, eu conversando com essa acadêmica, que era lá do centro acadêmico, aí eu falei, “ah, nunca sofri racismo na faculdade, durante a faculdade.” Aí ela, “não, Dandara?”, “não”, “então me diz quais foram as disciplinas sobre relações raciais que tu tiveste”. Aí eu fiquei assim, nossa, realmente nenhuma, né? e eu me sentia muito... meio burra, sabe? como se realmente não era... não fosse meu lugar ali, e o lugar que eu lutei tanto, né? pra passar, pra estar e quando eu entrei, eu sentia que eu tinha que... sabe aquilo? a pessoa preta sempre tem que fazer duas vezes o esforço, daí eu sentia isso, só que isso era cansativo, aí eu acabava assim, ah... eu achava assim que eu não era capaz, sabe? tinha um lance assim de autoestima (Dandara).

É de muita responsabilidade e aí entra assim eu falo “nossa eu não posso errar” (risadas). Então a pressão para mim, eu me sinto muito mais pressionada a dar o meu melhor e aí isso às vezes pode me distanciar do processo da relação né. E aí é um trabalho mental assim “calma Ayana, per aí, per aí[...]” (Ayana).

Precisava começar a trabalhar, fui pressionada um pouco pelos meus amigos a começar também [...] me coloco muito num lugar de responsável na minha família, então eu precisava tá trabalhando, precisava tá produzindo (Zuri).

A partir do momento em que vamos construindo nossas subjetividades, damos sentido ao nosso existir. Para isso, é necessário reconhecer o outro não apenas em palavras, mas também em gestos que o validem e o enxerguem como humano, com suas fragilidades, incertezas, recursos e potencialidades (Frazão, 2017). Essa construção afetiva ocorre pelo cultivo e fortalecimento de um movimento de aprender a se amar na desestruturação pessoal e coletiva de um sistema opressor; assim, a autoestima e a autoconfiança se integram na articulação de comunidade, cooperação e solidariedade (Berth, 2020). Acolhimento e aquilombamento são nuances que permeiam os discursos de Dandara e Zuri:

Agora eu tô só trabalhando com mulheres, o meu objetivo é trabalhar só com mulheres negras, eu ainda não consegui chegar nele, mas eu tô dividindo agora com três, quatro colegas, não, três, quatro comigo, ainda não são todas negras, mas quem sabe um dia, na clínica... (Dandara).

Então hoje com um núcleo de amigos mais negros, de afeto que foi algo que eu busquei também e isso eu também tenho muito cuidado, né? porque por mais que deseje muito me relacionar com uma pessoa negra, isso não quer dizer que ela não vá me violentar também, isso também é algo que eu tenho muito cuidado, assim como me relacionar com mulheres não vai também me isentar de sofrer

violência, mas ainda assim o processo, ele é diferente, dá parece uma sensação de pertencimento, de... -suspiro- "ok, entende até aqui, isso daqui ele já compreende", é... a gente constrói uma relação diferente de afeto que a gente não só merece, eu nem gosto muito de usar "merece", mas que a gente é digno, é um corpo digno de afeto, prefiro mais... essa palavra me contempla mais, ser digna do que merecedora (Zuri).

É exatamente isso. Me aquilombar com os meus pares. Porque a psicologia ainda é muito elitista. Eu participo de escolas de psicanálise, aí eu fico... Eu ainda não sou associada a nenhuma, porque, não sei, ainda falta alguma coisa, assim, pra eu me sentir à vontade. Aí eu participo de alguns encontros, mas não estou vinculada a nenhuma ainda. Vou estudando para melhorar minha clínica e faço análise também (Dandara).

Vimos nas duas unidades de significação, "Torna-se Negra" e "Autoestima", os relatos e vivências de psicólogas negras do Nordeste paraense, permeadas por contextos de violência, racismo, machismo, questões de classe e outros atravessamentos. Observamos os processos de cada uma delas ao se afirmarem como mulheres negras no encontro com sua negritude e o lugar que ocupam, tanto de forma literal (em termos de território e profissão) quanto simbólica. Assim, ocupar esses espaços é desafiar a lógica hegemônica e não sucumbir o sistema, em um movimento de resgate

de si que é trilhado coletivamente. Isso nos faz lembrar um provérbio africano que diz: "quando não soubermos para onde ir, olhemos para trás para sabermos de onde viemos."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar desta pesquisa, a partir da escuta das vivências de psicólogas negras, foi possível perceber as construções e atravessamentos que permeiam suas identidades. Discussões relativas à raça, gênero, classe, entre outras, são marcadores que aparecem nas falas das quatro entrevistadas e têm impacto direto no autoconceito, na autoimagem, nas relações sociais e nas suas atuações enquanto psicólogas no Nordeste do Pará.

Desse modo, o processo das participantes, ao se afirmarem como mulheres pretas, muitas vezes ocorre de forma tardia, principalmente dentro da universidade, o que implicava processos de branqueamento e negação da negritude. Além disso, questões de autoestima e pertencimento são fatores que atravessam a construção das identidades e das relações estabelecidas, tendo como base histórica o racismo, o colonialismo, o cis-heteropatriarcado e outras violências que se interseccionam.

No mais, a construção da identidade negra frente aos processos de apagamentos e violências se vê, muitas vezes, em um território perdido,

seja geograficamente ou corporalmente em um movimento de negação ou reconhecimento e encontro tardio com sua negritude. Desse modo, a construção de identidade é um resgate histórico, político e territorial na reformulação de uma identidade coletiva.

Ato contínuo, a falta de discussões sobre temáticas interseccionais durante a formação das participantes e a ausência de representatividade de professores negros surgiram como fatores relevantes durante as entrevistas. Isso ocorre porque se entende que as hegemonias impostas pelas marcas coloniais se perpetuam até hoje e perpassam também os construtos epistemológicos da psicologia, na qual o conhecimento não se caracteriza como neutro.

Por essa razão, é preciso reconhecer a colonialidade do poder a partir da escrita que advém de um lugar específico, o paradigma europeu ocidental dominante. Portanto, até a nossa própria escrita se debruça, aqui, sobre literaturas majoritariamente de pessoas negras, com o objetivo de causar ranhuras nesta hegemonia branca estabelecida.

Compreender a interseccionalidade como prática crítica é transformar as relações de poder e romper com o *status quo*. Assim, deve-se questionar concepções binárias e repensar saberes hegemônicos, de modo que não devemos tomar como paradigma o ser humano universal branco e euro-

peu, tendo em vista que não somos iguais, logo as experiências devem ser consideradas em suas múltiplas existências e intersecções.

Por fim, durante a realização da presente pesquisa, foi identificada a necessidade urgente de descolonizar nossos saberes e práticas, pois a neutralidade não nos cabe. Devemos, portanto, estar cientes de que a escrita e a escuta se encontram em contextos particulares e coletivos, que devem ser questionados, repensados e reconfigurados, se necessário, com a finalidade de criar fissuras no sistema imposto. Isso inclui ocupar lugares anteriormente negados, reformular grades curriculares, aumentar a representatividade e desenvolver uma psicologia que contemple raça, classe, gênero, sexualidade, pessoas LGBTQIAP+, identidades, pessoas com deficiência, território, religiosidade, corporeidades e tantas outras interseccionalidades.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Mônica; BARROS, Paulo; ALENCAR, Silvia; BRITO, Vanessa (orgs.) **Por uma Gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual** [recurso eletrônico] / Mônica Alvim; Paulo Barros; Silvia Alencar; Vanessa Brito (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.
- AMADOR DE DEUS, Zélia. **Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das**

herdeiras e dos herdeiros de Ananse. 196 p. ; 23 cm. Belém: Secult/PA, 2019.

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, Junho 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/XLzgL8vX67XRNs83MLk7mn/?lang=pt>. Acesso em: 26 de nov. de 2022.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

CÂMARA, Flávia Danielle da Silva. **MULHERES NEGRAS AMAZÔNIDAS FRENTE À CIDADE MORENA: O LUGAR DA PSICOLOGIA, OS TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA: O LUGAR DA PSICOLOGIA, OS TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA**. Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Chaves Lima. 2017. 215 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: A**

construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1.ed. Brasil: Zahar, 2023.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade & Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COSTA, Livia Cristinne Arrelias - Reflexões gestálticas sobre autorreconhecimento como mulher negra na Amazônia. **Revista IGT na Rede**, v. 16, nº 31, 2019. p. 192 – 225. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 09 de jan. 2023.

CRENSHAW, Kimberle. Documento Para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, a. 10, 2002b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 25 de set. de 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira - Salvador: EDUFBA, 2008.

FRAZÃO, L. M. **Ser ou não ser na contemporaneidade: eis a questão**. In: FRAZÃO, L. M. (org.). *Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos*. São Paulo: Summus, 2017. p. 17-28.

GIORGI, Amedeo; SOUSA, Daniel. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de século, v. 25, p. 73-91, 2010.

GOMES, William B. **A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente**. Psicologia USP, São Paulo, v.8, n.2, p.305-336, 1997.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KVALE, S. InterViews. **An Introduction to Qualitative Research Interviewing**. Londres: Sage, 1996.

LORDE, Audre. **Irmã outsider** - 1. ed.; 1. reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, K. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 51-66, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9968>. Acesso em: 27 abr. 2023.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Neusa. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRZAN, Alexandre; MATTAR, Cristine (org). **Psicologia, fenomenologia e questões decoloniais: Intersecções: volume I**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**. v. 1, n. 1 - mar-jun de 2010.